

A close-up photograph of a bride's hands holding a single white flower. She is wearing a white lace wedding dress and a ring on her finger. The background is softly blurred, showing more of the dress and the flower.

Julia Quinn

Stefanie Sloane † Elizabeth Boyle † Laura Lee Guhrke

**Quatro casamentos
e uma moeda da sorte**



Quatro casamentos
e uma moeda da sorte



Julia Quinn


ALGO ANTIGO

PRÓLOGO

Kidmore End

Próximo a Reading

Abril de 1818

 Como o nome já sugeria, a Escola Benevolente de Madame Rochambeaux para Moças não era nem um pouco rigorosa. As alunas tinham duas horas de aulas diárias, seguidas de dança, música ou desenho, dependendo do dia da semana. Não recebiam lições de línguas clássicas, como seus irmãos em Eton e Harrow, mas eram obrigadas a conhecer os nomes dos principais escritores gregos e latinos para que – como madame Rochambeaux lembrava com frequência – não parecessem ignorantes caso fossem convidadas a um jantar e o assunto surgisse.

Na verdade, aquele era um ponto crucial do currículo: *como não parecer tola em um jantar*. A Srta. Beatrice Heywood, que era aluna em regime de internato ali desde os 8 anos, certa vez sugerira que aquele se tornasse o lema da escola.

A ideia não fora bem-recebida.

Bea nunca se importara com a ausência de latim e grego no currículo, porém desejava que madame Rochambeaux contratasse um tutor para aulas de ciências, principalmente para lhes ensinar sobre as estrelas. Quando ela ia para casa – ou melhor, para a casa das tias, já que não tinha uma casa para chamar de sua –, adorava se deitar no jardim à noite e ficar observando o céu. Comprara um livro sobre astronomia que lhe custara todo o dinheiro que tinha para cobrir pequenas despesas. Vinha tentando aprender sozinha, mas seria muito mais fácil se tivesse a ajuda de alguém que entendesse do assunto.

Sem falar no telescópio.

A Srta. Cordelia Padley estava na casa de madame Rochambeaux havia quase tanto tempo quanto Bea, já que chegara lá aos 9 anos. Não era órfã, mas era como se fosse, já que o pai estava do outro lado do mundo, na Índia. Ao contrário de Bea, Cordelia vinha de uma família muito rica e chegara à escola levando na mala doze vestidos para o dia e quatro pares de sapatos, o que era quatro vezes o número de vestidos que Bea levara e

o dobro de sapatos. Felizmente para as duas (já que dividiriam um quarto por exatos nove anos), o coração de Cordelia era gentil na mesma medida que sua bolsa era recheada.

Dois anos depois, outra cama fora colocada no dormitório e, para a surpresa de todas, lady Elinor Daventry se mudara para lá. Madame Rochambeaux tinha uma escola respeitável e razoavelmente bem-conceituada, mas jamais tivera uma verdadeira lady entre suas alunas.

Lady Elinor era a única filha de um conde e ninguém – nem a própria Ellie – conseguia entender por que ela fora mandada para a escola de madame Rochambeaux quando todas as primas Daventrys tinham sido educadas em Berkshire, na exclusiva Escola Badminton para Damas Corretas. Antes de seus dias na casa de madame Rochambeaux, Ellie contara com os serviços de uma preceptora – uma imigrante francesa elegante e enigmática que diziam ter o sangue azul como o dos Daventrys. (Ninguém tinha certeza disso e mademoiselle De la Clair não fazia nada para dissipar o ar de mistério que pairava ao seu redor como um bom perfume.)

Mesmo que a discreta mademoiselle não fosse uma ótima professora de literatura e história da Inglaterra, ela mais do que compensava isso com seu delicioso sotaque parisiense e, aos 6 anos, Ellie falava francês como uma nativa. Por isso não surpreendera ninguém que, ao saber que madame Rochambeaux nascera em Limoges, Ellie a tivesse cumprimentado, animada, em uma torrente de francês cadenciado. Madame Rochambeaux respondera no mesmo idioma, mas muito brevemente.

Perplexa, Ellie tentara de novo.

Talvez a mulher tivesse problemas de audição... Ela parecia mesmo já estar em idade avançada. Devia ter pelo menos 40 anos...

Porém madame Rochambeaux apenas murmurara uma resposta – um “não sei o quê” num francês mal pronunciado – e logo anunciara que precisavam dela em outro lugar.

Limoges nunca mais fora mencionada.

– O que estamos aprendendo aqui, pelo amor de Deus? – perguntara Cordelia em voz alta ao voltar para o quarto depois do primeiro dia de aula de Ellie.

– Não sei – murmurara Bea –, mas não acho que seja francês.

– *Combien de temps avez-vous étudié le français?* – perguntara Ellie.

– Eu sei o que isso quer dizer – anunciara Bea, satisfeita e aliviada por ter entendido.

A pergunta era “Por quanto tempo você estudou francês?”. Contudo, a resposta que Ellie conseguira dar – *Depuis que je suis un éléphant*, ou seja, “Desde que virei um elefante” – não fora exatamente a esperada.

Algum tempo depois, o grupo de amigas conseguiu juntar as peças do segredo do passado de madame Rochambeaux. Infelizmente, não havia nada escandaloso a ser descoberto, apenas uma carta da irmã da diretora aconselhando-a a adotar um nome francês para soar mais aristocrático.

Tinha sido a Srta. Anne Brabourne, que chegara à escola dois anos depois de Ellie, quem descobrira a verdade.

– Não entendo por que ela mudou de nome – comentou Anne quando todas estavam sentadas em suas camas depois do jantar. – Quem quer parecer francês hoje em dia?

– Todo mundo – respondeu Cordelia, rindo. – A guerra acabou há séculos.

No momento em que as palavras saíram de sua boca, ela mordeu o lábio e lançou um rápido olhar a Ellie, assim como as outras, enquanto Ellie fingia um súbito interesse pela fivela do sapato. Nenhuma das meninas entendia direito os rumores que rondavam a família da amiga, só sabiam que envolviam o pai dela e coisas que ele talvez tivesse feito durante a guerra.

– Desculpe, Ellie – disse Cordelia depois de um instante.

A amiga ergueu os olhos e conseguiu sorrir.

– Tudo bem, Cordelia. Não posso esperar que o mundo pare de falar sobre a guerra só por causa de intrigas maliciosas.

– Mas a questão é que madame Rochambeaux é, na verdade, a Srta. Puddleford, de East Grinstead, em Sussex – disse Bea, habilmente desviando a conversa para não falarem do pai de Ellie.

Todas pararam para assimilar a informação. Ou melhor, para assimilar mais uma vez. Tinham encontrado a carta fazia dois dias. O fato de ainda estarem debatendo o assunto era prova da monotonia da vida no internato.

– Pode até ser – interveio Anne –, mas o que vamos fazer com essa informação?

– Eu gosto de madame Rochambeaux – declarou Cordelia.

– Eu também – afirmou Ellie. – O francês dela é terrível, mas, fora isso, ela tem sido um encanto conosco.

Anne deu de ombros.

– Se meu nome fosse Puddleford, imagino que eu também gostaria de virar uma Rochambeaux.

Todas olharam para Bea, que assentiu.

– Ela tem sido muito gentil comigo todos esses anos – declarou.
– Que estranho termos gastado tanta energia em busca da verdade para agora deixar tudo como estava – comentou Ellie.
– Foi pela busca do conhecimento – brincou Anne.
Ela se deixou cair de costas na cama.
– Ai!
– O que foi?
– Algo me espetou.
Bea se inclinou.
– Deve ter sido a ponta de uma pena do enchimento.
Anne resmungou algo enquanto usava o traseiro para afofar o colchão.
– Você está ridícula fazendo isso – declarou Ellie.
– Deve ser mesmo uma maldita pena. Estou tentando colocá-la de volta no fundo do colchão.
– Ah, pelo amor de Deus – disse Bea. – Deixe-me ajudá-la.
Juntas, elas tiraram os lençóis e tatearam o colchão até encontrarem a pena irritante.
– Consegue pegá-la? – perguntou Anne. – Acabei de cortar as unhas e não consigo puxar nada tão pequeno assim.
– Posso tentar.
Bea franziu a testa, concentrada. A ponta da pena mal encostava no tecido do colchão.
– Acho que talvez seja mais fácil mesmo empurrá-la de volta.
– Para que suba de novo e se crave nela durante a noite – brincou Ellie.
Anne lhe lançou um olhar ligeiramente aborrecido e se voltou para o colchão enquanto Bea murmurava:
– Que estranho.
– O quê?
– Isso no seu colchão. Acho que é uma...
Ela apalpou o objeto através do tecido.
– Acho que é uma moeda.
– Uma moeda?
Aquilo bastou para fazer com que todas as meninas levantassem de suas camas.
– No colchão da Anne? – indagou Cordelia. – Que estranho.
– Só Deus sabe quantos anos tem esse colchão – lembrou Anne. – Talvez seja um dobrão espanhol.

Ellie arqueou o pescoço para espiar melhor, embora não houvesse nada para ver.

– Isso poderia garantir o seu sustento pelo resto da vida.

– Como vamos tirá-la de dentro do colchão? – perguntou Cordelia.

Anne franziu o cenho.

– Acho que teremos que cortar o tecido.

Cordelia a encarou, estarecida.

– Cortar o colchão?

– Não há outro jeito. Não deve ser difícil costurá-lo de volta quando terminarmos.

Realmente não seria. Todas as quatro meninas eram habilidosas com a agulha. Aquilo, pelo menos, estava no currículo da escola de madame Rochambeaux.

Assim, um grupo expedicionário foi enviado à cozinha para pegar uma faca e, dez minutos depois, Anne segurava não um dobrão espanhol, mas uma moeda inglesa de 6 *pence* bastante comum.

– Isso vai me sustentar por uma semana, pelo menos – comentou ela.

– Mais do que isso, eu acho – disse Bea, e pegou a moeda da mão da amiga. – Parece muito antiga.

Ela aproximou a moeda do lampião e estreitou os olhos.

– É a imagem da rainha Anne. Tem mais de cem anos.

– Espero que isso não signifique que o meu colchão tem mais de 100 anos – comentou Anne com o cenho franzido e uma expressão de nojo.

– Ah, aqui está a data – continuou Bea. – É de 1711. Vocês acham que vale mais do que 6 *pence*? Talvez para alguém que colecionasse moedas?

– Duvido – opinou Cordelia, aproximando-se para olhar. – Mas Anne pode guardar para quando se casar.

Anne levantou os olhos.

– O quê?

– Com certeza você conhece a tradição. “Algo antigo, algo novo, algo emprestado, algo azul...”

– “... e uma moeda de 6 *pence* no sapato” – recitaram Ellie e Bea, juntando-se a Cordelia.

– A noiva deixa a moeda dentro no sapato durante a cerimônia – explicou Ellie. – É para abençoar o casamento com riqueza.

– A minha mãe fez isso – murmurou Cordelia.

O grupo fez uma pausa para refletir sobre aquilo. Os pais de Cordelia

não eram ricos na época em que se casaram – fora uma herança inesperada, três anos depois, que garantira à família a prosperidade que tinha no momento.

– O que será que aconteceria se a moça usasse a moeda no sapato antes de se casar? – ponderou Cordelia.

– Ficaria com uma bolha no pé – sugeriu Bea, perspicaz.

Cordelia revirou os olhos em resposta.

– Talvez isso a ajude a *encontrar* o marido.

– Uma moeda de 6 *pence* para dar sorte no noivado? – indagou Ellie com um sorriso.

– Se for esse o caso, então vou ficar com ela – anunciou Anne, pegando a moeda de volta. – Vocês sabem que preciso me casar antes de completar 25 anos.

– Ah, pelo amor de Deus! – ralhou Cordelia. – Ainda faltam *séculos* para isso. Você mal tem 14 anos.

– É muito improvável que ainda esteja solteira quando fizer 25 – comentou Ellie com bom senso. – Se seu tio tivesse determinado a idade de 18, ou mesmo 21 anos, seria outra história.

– Sim, mas ele precisa aprovar o casamento. E meu tio é maçante demais. Não consigo nem imaginar com que tipo de homem ele vai me forçar a casar.

– Com certeza ele não iria forçá-la... – murmurou Bea.

– Eu não vou ser amarrada e arrastada até o altar, se é isso que você quer dizer – retrucou Anne. – Mas essa vai ser a sensação.

– Uma de nós deveria usá-la primeiro – protestou Cordelia, dirigindo-se a Bea. – Somos mais velhas.

Era verdade. Anne era a caçula do grupo, quase um ano mais nova do que Ellie e dois anos mais nova do que as outras colegas de quarto. Por isso tivera que aprender a se defender e nem pestanejou antes de encarar Cordelia e dizer:

– Sinto muito, mas a moeda é de quem a encontrou. Eu preciso mais.

– Está certo – cedeu Cordelia, porque sabia que era verdade. – Mas, se funcionar, prometa passá-la a uma de nós depois que se casar.

– Vamos usá-la cada uma na sua vez – acrescentou Ellie.

– Vocês estão loucas – disse Bea.

– Não vai pensar assim quando nós três estivermos casadas e você ainda morar com as suas tias – alertou Ellie.

– Muito bem. Se todas vocês se casarem antes de mim, colocarei essa moeda boba no meu sapato e a deixarei dentro dele até encontrar meu verdadeiro amor.

– Combinado? – perguntou Cordelia com um sorriso.

Ellie colocou a mão em cima da dela.

– Combinado.

Anne deu de ombros e se juntou às amigas.

Todas olharam para Bea.

– Ah, está bem – disse ela. – Acho que devo fazer parte disso, já que fui eu que falei sobre a tradição da moeda. – Ela colocou a mão sobre a de Anne e, para completar, deslizou a outra mão por baixo da de Cordelia.

– Combinado.




Stefanie Sloane

ALGO NOVO

CAPÍTULO 1

Grosvenor Square, Londres

Cerca de dez anos depois

 empenho da Srta. Anne Brabourne na busca do marido ideal não vinha sendo recompensado. De pé na lateral do salão de baile da marquesa de Lipscombe, ela tomou um pequeno gole de licor enquanto observava os casais valsando à sua frente. Os vestidos das damas eram como redemoinhos coloridos cintilantes, em contraste com os trajes de noite escuros dos cavalheiros. Quase cinco anos depois de sua apresentação à sociedade, Anne perguntou a si mesma se “difícil” era a palavra certa para sua procura. Ela temia que “impossível” logo seria o termo mais adequado à sua situação.

Deixou a taça na bandeja de um criado que passava e se dirigiu ao outro lado do salão, onde sua acompanhante, lady Marguerite Stanley, era o centro das atenções de um grupo. Anne sorriu ao passar por conhecidos e seguiu rumo à acompanhante, diminuindo a velocidade à medida que se aproximava. Marguerite estava envolvida em uma conversa animada com alguns de seus amigos mais queridos. Percebendo que a mulher mais velha estava ocupada, Anne deixou o olhar correr pelos convidados.

Ao longo da parede oposta, portas de correr tinham sido abertas para ampliar o espaço e estimular os convidados a circularem. Com movimentos rápidos, Anne saiu do salão de baile para o corredor além das portas. Ali estava bem mais vazio e ela seguiu, determinada, em direção aos cômodos mais reservados da residência.

O som de risos, conversas e acordes musicais foi ficando mais baixo, tornando-se apenas um murmúrio enquanto ela avançava pela casa. Avistou uma porta entreaberta que deixava sair uma luz cálida e convidativa. Decidiu parar e dar uma olhada lá dentro.

Era uma biblioteca, com cadeiras dispostas diante da mesa imponente em uma extremidade. Em frente a ela, um fogo ardia na lareira sob um gracioso console. Velas cintilavam em castiçais suspensos acima de mesas de apoio à esquerda e à direita, mas Anne não viu ninguém. Satisfeita por estar sozinha, entrou e encostou a porta.

Um silêncio abençoado a envolveu. Ela soltou um suspiro de alívio, sentindo a tensão em seu pescoço diminuir conforme seus músculos relaxavam.

Au-au.

Assustada, Anne olhou em volta em busca da origem do som. Um cachorro grande estava deitado diante do amplo tapete da lareira, quase camuflado sobre os tons fortes da sua cama improvisada. Ele a observava com as orelhas levantadas e os olhos alertas, abanando o rabo, mas sem alarme.

– Ora, olá! – disse Anne, cumprimentando o grande mastim. – Você me surpreendeu.

O rabo do cachorro se agitou mais rápido, batendo contra o tapete grosso para lhe dar boas-vindas.

Anne riu baixinho e atravessou o cômodo. Ignorando a poltrona de couro, sentou-se na banquetta de apoio para os pés.

– É um prazer conhecê-lo também – disse baixinho.

Ela desabotoou e tirou uma das luvas compridas antes de estender a mão.

O mastim cheirou os dedos de Anne, lançando o hálito quente contra sua palma. Quando ele lambeu a mão à sua frente, claramente aprovando-a, Anne riu de novo, encantada com a recepção calorosa.

– Você está sozinho?

Ele enfiou a cabeça na mão dela, que logo atendeu ao pedido silencioso. Anne correu os dedos pela cabeça do animal e coçou com gentileza atrás das orelhas.

– Farei carinho em suas orelhas desde que prometa não me repreender por tirar uma folga da minha missão. Combinado?

O cachorro deu mais um latido e inclinou a cabeça para o lado com uma expressão de curiosidade.

– Ah, sim, esqueci. Você não está a par da missão.

Anne se aproximou mais e acariciou o pelo sedoso.

– Em resumo, tenho que encontrar um marido. E não qualquer marido – acrescentou Anne, sorrindo enquanto o cachorro suspirava de prazer.

– Ele precisa me deixar fazer o que eu quiser... o que é uma característica impossível em um homem, se os últimos cinco anos me ensinaram algo. Ah, e tenho que encontrá-lo antes de completar 25 anos, o que acontecerá em menos de seis semanas.

Anne cruzou as mãos no colo e o cachorro resfolegou e enfiou o focinho nos dedos entrelaçados dela.

– Você pode questionar por que sequer me dou o trabalho de procurar
– continuou Anne.

A estranheza de discutir seus assuntos particulares com um mastim começava a diminuir.

– Bem, não tenho escolha. Meu tio bem-intencionado mas equivocadamente insiste que eu me case até meu vigésimo quinto aniversário, senão serei despachada para o campo e ninguém nunca mais ouvirá falar de mim.

O cão se mexeu e deixou a cabeça grande cair no colo dela, fitando-a com uma expressão crítica.

– Está certo, estou sendo dramática – admitiu Anne. – Obrigada. Eu precisava que me lembrassem disso.

Um tronco se partiu na lareira, e o estalo e o clarão do fogo a assustaram. O cachorro, no entanto, não prestou atenção ao som e a cutucou mais uma vez.

– Você é bastante obstinado, não é mesmo?

Ela recomeçou a mover os dedos e o animal enorme voltou a resfolegar de prazer.

– Mas se contenta facilmente. Se ao menos meu tio aceitasse um cachorro como companheiro adequado para a sua única herdeira... Você seria o pretendente perfeito.

Uma risada abafada quebrou o silêncio.

Anne olhou depressa para a entrada. A pesada porta de painéis de carvalho permanecia fechada, como a deixara. O cachorro não se mexeu nem mostrou nenhum sinal de preocupação. Ainda assim, ela olhou mais uma vez ao redor. E percebeu um movimento na beira de uma das poltronas que estavam de costas para ela. Enquanto Anne olhava, desalentada, um homem se levantou, se virou e começou a caminhar na direção dela.

Alto e esguio, ele seguiu a passos tranquilos. A luz das velas e do fogo na lareira fazia cintilar os cabelos muito negros que emolduravam um belo semblante de traços fortes e queixo bem-definido. Olhos de um azul claro como gelo, delineados por cílios negros cheios, brilhavam com uma expressão bem-humorada enquanto o homem a fitava.

Anne engoliu em seco conforme ele se aproximava. Supôs que algumas mulheres o achariam um excelente exemplar do sexo masculino. E engoliu em seco mais uma vez. A quem estava tentando enganar? Ela mesma o achava o mais excelente exemplar do sexo masculino que já vira – e o homem só estava em sua linha de visão havia meros segundos.

De repente, Anne se deu conta de que o encarava. E de que sabia seu nome.



Rhys Alexander Hamilton, duque de Dorset, estudou a jovem enquanto ela se levantava às pressas. Era extraordinariamente bela, com cachos dourados presos em um coque, olhos verde-musgo e uma boca sedutora. O vestido rosa-chá que usava estava sendo iluminado por trás pelo fogo, o que o deixava um pouco transparente, revelando um corpo pequeno e curvilíneo. Uma delicada corrente de ouro ao redor do pescoço da jovem terminava oculta sob o decote do vestido. Rhys tentou imaginar o pingente e invejou sua posição.

Ele percebeu o momento exato em que ela o reconheceu, porque seus olhos se arregalaram um pouco. Para sua surpresa, a jovem franziu o cenho na mesma hora, com os lábios cerrados em uma linha firme.

Era uma linda boca, sem dúvida. Mas também era uma boca que, naquele momento, deixava claro o seu desagrado.

Rhys era um duque. Jovens damas não franziam o cenho ao vê-lo. Elas se agitavam, sorriam com afetação. Muitas vezes davam risadinhas nervosas e lançavam olhares tímidos para ele enquanto batiam as pestanas – comportamentos que Rhys achava incômodos. Até aquele momento.

Intrigado, ele parou a alguns passos dela e fez uma reverência.

– Peço perdão por me intrometer em seu momento privado – disse Rhys com delicadeza.

– Parece que fui eu que invadi a sua paz, Vossa Graça – retrucou Anne.
– Se eu soubesse que estava aqui, não teria entrado.

– Ah, mas então eu não teria presenciado a sua deliciosa conversa com Jack – falou ele, incapaz de conter um sorriso. – E a sua expressão de... o quê? Desapontamento? Desagrado?

– Nenhuma das opções... não exatamente.

Um rubor coloriu o rosto dela enquanto seus dedos brincavam com os delicados elos da corrente ao redor do pescoço.

– Peço perdão por não ter revelado a minha presença mais cedo – disse Rhys, lamentando tê-la deixado constrangida. – Eu não deveria ter ficado ouvindo sem o seu conhecimento.

Ela dispensou o pedido de desculpas com um aceno despreocupado.

– Eu deveria ter mais bom senso e não confiar esse tipo de segredo a um mastim.

O rubor desapareceu de seu rosto, e a pele delicada voltou a ser clara e pálida.

– Todos sabem que é de um cão de caça que precisamos quando se trata de assuntos pessoais.

Rhys sorriu, contente com a inesperada demonstração de espirtuosidade... e com algo mais. Algo absolutamente autêntico. Ele a encarou por um longo momento, demorando a perceber que era a sua vez de falar.

– Vamos começar de novo, então. Do modo correto, dessa vez. Não fomos apresentados – disse ele com desânimo fingido. – Eu sou...

– Eu sei quem é o senhor, Vossa Graça – interrompeu Anne e levantou a mão para impedi-lo de recitar seu pedigree.

– Ah, então está em vantagem em relação a mim – retrucou ele, retomando o ritmo fácil de conversa. – Pois não tive o prazer de lhe ser apresentado, lady...?

– Lady não – corrigiu Anne. – Srta. Anne Brabourne.

– É um prazer conhecê-la, Srta. Brabourne.

Ele se inclinou.

Anne esboçou uma mesura e inclinou a cabeça em um movimento gracioso e educado. Conseguiu fazer isso com toda a altivez de uma rainha cumprimentando um súdito.

Encantado com a atitude dela, apesar de sua irritação anterior, Rhys sorriu.

– Hesito em lembrar, Srta. Brabourne, mas está arriscando o que tenho certeza que é uma reputação impecável ao compartilhar comigo este espaço reconhecidamente grande, mas muito isolado. Não se pode confiar em meu bom comportamento.

Ela o fitou com desconfiança.

– Isso não pode ser verdade, Vossa Graça.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso. Havia mesmo algo diferente naquela jovem. Algo que incendiava o sangue de Rhys como não acontecia havia algum tempo. Ela acreditava que seria capaz de resistir aos avanços dele? Ele estaria perdendo o encanto? Apenas três minutos na presença dela e seu corpo já implorava pela oportunidade de descobrir.

– E poderia fazer a gentileza de me dizer o motivo?

– Porque o senhor é... bem, o senhor.

Ela acenou novamente, encerrando o assunto.

– E eu sou eu.

– Se importaria de explicar melhor esse comentário bastante enigmático?

– O senhor – disse Anne e o indicou com um gesto de mão – é Rhys Alexander Hamilton, um duque e um cavalheiro conhecido por evitar mãos

casamenteiras e suas filhas casadoiras. É sabido por todos que não deseja se casar tão cedo. Eu, por outro lado, estou empenhada na ocupação típica de uma jovem dama que procura diligentemente um marido. Isso por si só me torna uma mulher que o senhor deseja evitar a todo custo.

Anne fez uma pausa e ficou olhando para Rhys como se temesse que ele não conseguisse acompanhar seu raciocínio.

– Também sou a sobrinha e única herdeira de lorde William Armbruster... general Armbruster. Por maiores que sejam os rumores de que o senhor é um libertino de primeira ordem, não é conhecido por ser insensível. E não teria nenhuma razão lógica para exercer seus poderes de sedução sobre mim. O senhor continuará com suas viúvas e mulheres casadas e infelizes. Envolver-se com uma jovem solteira provocaria um escândalo e levaria desgraça à sua família e ao nome ducal.

– A senhorita parece saber muito a respeito de mim – retrucou Rhys e deu um passo em direção a ela.

A jovem fora sincera – brutalmente sincera. Escandalosamente, até. E estava certa. Rhys valorizava demais seu tempo e sua independência para assumir a responsabilidade de ter uma esposa. Ah, ele cederia em algum momento, é claro. Não havia outra escolha para um homem em sua posição. Mas maldito fosse se não aproveitasse a vida ao máximo antes de ser derrotado pelo matrimônio – em uma idade avançada, se conseguisse.

Rhys resistiu ao desejo de acabar com a distância que os separava e traçar o comprimento do colar dela até onde ele terminava.

– E eu sei tão pouco da senhorita.

– Meu tio está determinado a me casar com um homem que seja um pilar da sociedade. Um homem com uma reputação impecável – explicou ela, quase se desculpando. – Faz parte das minhas atribuições conhecer o senhor e os do seu tipo, assim como os solteiros elegíveis respeitáveis. De que outra forma conseguiria chegar a um casamento adequado? Tenho uma lista. E o senhor não está nela.

– Seu entusiasmo pela missão me espanta – comentou ele com ironia, esforçando-se para não se sentir menosprezado pela declaração.

Afinal, era verdade. Ele tinha um apreço profundo pela família e não prejudicaria seu bom nome, bem como o bom nome da Srta. Brabourne. Ainda assim, ela precisava fazer com que ele soasse tão inofensivo?

Os olhos da jovem cintilaram com um humor contido.

– Eu com certeza deveria repreendê-lo por esse comentário, Vossa Gra-

ça, mas, infelizmente, o senhor está certo. Não desejo me casar com um pilar da sociedade nem com qualquer outro homem elegível. Não quero me casar de jeito nenhum.

– Não sei bem se deveria me sentir aliviado ou magoado depois de ver a mim e todos do meu gênero tão sumariamente dispensados ao mesmo tempo – comentou Rhys.

Ele deu mais um passo em direção a Anne e, de propósito, ergueu a sobrancelha em uma expressão que sabia já ter provocado vertigens em várias mulheres.

A Srta. Brabourne riu, um som baixo e melódico que mexeu com os sentidos dele.

Rhys deu um último passo e parou bem diante dela, percebendo que a jovem ficava ainda mais bonita à medida que ele avançava.

Um rosnado baixo e gutural se ergueu de trás da Srta. Brabourne. Rhys olhou além dela, para Jack, que estava reclinado perto da lareira, fitando-o com os olhos escuros e sábios.

Rhys piscou com força. Os encontros entre o duque de Dorset e as mulheres não costumavam ser daquele jeito. De alguma forma, os papéis tinham se invertido. Claramente, ele passara muito tempo sem ter uma viúva ou uma mulher casada e infeliz em sua cama.

Voltou a si e percebeu que deveria insistir para que a Srta. Brabourne saísse, apesar de ela acreditar que estava em segurança.

Olhou mais uma vez para Jack. Deveria mesmo mandá-la embora. Não se divertia tanto com uma mulher havia meses, para não dizer anos. Mas a verdade era que ele não estava pronto para deixá-la partir. Teria que fazer isso em algum momento, mas não de imediato.

Jack deixou escapar um segundo rosnado gutural de advertência.

Rhys negociou mentalmente com o mastim, prometendo se comportar – e dispondo-se a cumprir a palavra.

Naquele instante, as portas da biblioteca se abriram e o rangido do carvalho garantiu o tempo necessário para que a Srta. Brabourne colocasse uma distância segura entre ela e Rhys.

– Anne, o que está fazendo aqui? – perguntou lady Marguerite Stanley ao se juntar a eles. – E com Rhys? Eu não sabia que se conheciam.

Rhys olhou para a melhor amiga da tia dele.

– A Srta. Brabourne não sabia que eu estava aqui, lady Marguerite. Ela já estava indo embora.

– Isso não é bem verdade – começou a Srta. Brabourne quando Marguerite franziu a testa para Rhys.

– Vossa Graça, presumo que posso contar com a sua descrição, certo? – indagou Marguerite, interrompendo a Srta. Brabourne.

Rhys fez uma mesura para as duas mulheres.

– Têm a minha palavra. Vão, voltem para o baile. Esperarei aqui até que já tenha passado um tempo adequado para ir também.

– Algum de vocês está interessado no que eu tenho a dizer? – perguntou a Srta. Brabourne, aceitando o braço de Marguerite.

– Não, minha querida. Agora venha, senão seu tio pedirá a minha cabeça – respondeu a mulher mais velha, levando a Srta. Brabourne consigo às pressas.

Porém Anne parou abruptamente, se virou e dirigiu um sorriso encantador a Rhys.

– O senhor é muito menos assustador do que todos parecem achar, Vossa Graça – começou ela. – Mas guardarei seu segredo.

Rhys retribuiu o sorriso caloroso, só que sem erguer a sobrancelha dessa vez. Ou torcer os lábios, o que mostrava tão bem sua covinha. Ele nem sequer passou a mão pelo cabelo. Não, Rhys apenas sorriu com a pura alegria do momento – com a pura alegria que era conversar com a Srta. Brabourne.

Ele observou as duas mulheres saírem da sala. Depois esperou quinze minutos e voltou ao salão de baile, só para descobrir que a diversão que a noite prometia já não o atraía mais. Assim, foi até a tia, prometeu visitá-la em breve e, em vez de se juntar aos amigos em seu clube, foi para casa. Já acomodado na biblioteca com um copo de conhaque na mão, antes de ir para a cama, Rhys se deu conta de que havia gostado muito mais do que o normal do baile anual da tia.

E perguntou a si mesmo se a Srta. Brabourne sempre acompanhava lady Marguerite em suas visitas à tia dele.

CONHEÇA OS LIVROS DE JULIA QUINN

OS BRIDGERTONS

O duque e eu
O visconde que me amava
Um perfeito cavalheiro
Os segredos de Colin Bridgerton
Para Sir Phillip, com amor
O conde enfeitiçado
Um beijo inesquecível
A caminho do altar
E viveram felizes para sempre
Os Bridgertons, um amor de família

QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso
Uma noite como esta
A soma de todos os beijos
Os mistérios de sir Richard

AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira
Como se casar com um marquês

IRMÃS LYNDON

Mais lindo que a lua
Mais forte que o sol

OS ROKESBYS

Uma dama fora dos padrões
Um marido de faz de conta
Um cavalheiro a bordo
Uma noiva rebelde

TRILOGIA BEVELSTOKE

História de um grande amor
O que acontece em Londres
Dez coisas que eu amo em você

DAMAS REBELDES

Esplêndida – A história de Emma
Brilhante – A história de Belle
Indomável – A história de Henry

Os dois duques de Wyhdham – O fora da lei / O aristocrata
A Srta. Butterworth e o barão louco

editoraarqueiro.com.br

